

## ALMEIDA JÚNIOR NAS IMPRESSÕES DE RAFFARD

Roberto Machado CARVALHO

Entre os visitantes que escreveram sobre a cidade de São Paulo em fins do século XIX aparece o nome de Henrique Raffard, natural do Rio de Janeiro e filho do cônsul-geral da Suíça na então capital do país. Inteligente e culto - estudou na Suíça, França, Alemanha e Bélgica inclinouse mais para as ciências matemáticas, vocacionado para as lides dos negócios comerciais. Nos dois primeiros países citados adquiriu razoável bagagem histórico-literária. Mais tarde, residindo no Rio de Janeiro, escreveu **Apontamentos acerca das pessoas e cousas do Brasil**, publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tomo 61, de 1899 e diversos artigos sobre suas impressões da cidade de São Paulo, no momento em que ela passava por uma transformação urbanística provocada pelos capitais provindos das economia cafeeira e das indústrias nascentes. Os artigos saíram no "Diário do Comércio", do Rio de Janeiro, em março de 1890 e no "Jornal da Tarde, de São Paulo, em abril do mesmo ano, sob o título **Alguns dias na Paulicéia**. Depois, em 1892, foram publicados na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tomo 65. Tratava-se, assim, de uma raridade bibliográfica. Em boa hora o trabalho de Raffard, com o mesmo título, foi incluído na "Biblioteca Academia Paulista de Letras", volume 4, de 1977, 109 páginas, com introdução de Leonardo Arroyo. Em livro, foi a primeira edição. Dá uma idéia do panorama paulistano daquele final de século, revelando alguns problemas que já atormentavam a vida da futura grande metrópole.

Raffard trata do aumento da população, construções de casas - 50 a 60 por mês - energia de gás e elétrica, abastecimento, vendas e compras de imóveis, imigração, hotéis, casas de ensino, formação e crescimento de bairros, transportes, aspectos culturais, igrejas, jornais e outros assuntos.

Raffard dedicou-se ao estudo da lavoura da cana de açúcar na então província de São Paulo, no seu período áureo, isto é, fins do século XVIII e primeira metade do XIX. Estava ligado aos negócios do açúcar,

através de uma empresa inglesa, especialmente na região de Capivari, terras que, depois, receberam o nome de **Raffard**, origem da vizinha cidade onde se produzia açúcar e álcool. Prosperavam os chamados “engenhos centrais”. Escreve o prefaciador que a economia, para Raffard, “baseava-se em recursos e dados concretos de elevação do homem, abrindo-lhe perspectivas para o enriquecimento de suas possibilidades de trabalho vinculadas à produção, para o seu bem-estar e para sua felicidade terrena”. Uma boa lição para muitos economistas que lidam com números, mas esquecem o homem...

Não foi só sobre problemas econômicos que escreveu Raffard. Fez várias observações de ordem cultural. Entre as figuras que mais destacou e compreendeu aparece o pintor ituano José Ferraz de Almeida Júnior. O imortal artista estava no auge de sua produção. Logo nas primeiras páginas, ao tratar do antigo Largo da Sé e a velha igreja então catedral, anota: “admirei as belas pinturas de Almeida Júnior nos forros internos: a da capela-mór representa Nossa Senhora e a do corpo (nave) a conversão do padroeiro São Paulo”. Pena que tais pinturas se perderam com a demolição da igreja em 1911. No Museu Paulista (Ipiranga) existe uma tela “Conversão de São Paulo” e outra na Matriz de Itu, “Apóstolo São Paulo”, ambas de Almeida Júnior. Quase no final de **Alguns dias na Paulicéia**, Raffard reserva uma página a Almeida Júnior, que ele trata carinhosamente de Almeidaíinha. Para não perder o sabor original, transcrevo na íntegra, acrescentando no final algumas notas explicativas:

“Encontrei o Almeidaíinha no seu ateliê na rua do Marechal Deodoro, anteriormente rua do Imperador.<sup>1</sup> Afí tornei a ver os interessantes estudos que o amigo trouxe de Paris<sup>2</sup>, há uns sete anos, e outros novos como o esboçeto do **plafond** que pintou no **petit chateau** da Exma. Sra. Da. Veridiana,<sup>3</sup> esboços dos trabalhos que executou na Sé,<sup>4</sup> estando quase terminada uma cópia reduzida da sua alegórica pintura da capela-mór - a elevação de Nossa Senhora.

(1) A rua Marechal Deodoro ficava ao lado direito da atual Catedral da Sé e desapareceu com as demolições de seus prédios para o alargamento da Praça da Sé.

(2) Almeida Júnior ganhou do Imperador D. Pedro II uma bolsa para concluir seus estudos na Europa. O pintor seguiu em 1876, ingressando na Escola Superior de Belas Artes de Paris, e participou em 1879, 80, 81 e 82 do famoso “Salon” de Paris. Neste último ano regressou ao Brasil e expôs na Academia Imperial os trabalhos realizados em Paris.

(3) Dona Veridiana Prado nasceu em 1826, filha de Antônio da Silva Prado, Barão de Iguape e de Dona Maria Cândida de Moura Leite. Casou-se com seu tio Martinho da Silva Prado, deixando uma descendência de seis filhos, 36 netos e 6 bisnetos. Residiu nas proximidades da Igreja da Consolação, onde seu pai era proprietário de uma chácara. Depois passou para a chácara do bairro de Higienópolis, residindo no chateau referido no texto de Raffard. Tratava-se um prédio majestoso, de estilo Renascença, construído com material importado da Europa.

(4) Antiga Igreja da Sé, de estilo colonial, situada nas proximidades do início da atual Rua 15 de Novembro.

Apreciei muito uma boa tela de um dos discípulos do Almeida (Ferraz de Almeida Júnior, de Itu) que a retocou para que saísse boa essa cópia de sua importante composição **Caipiras negaceando**<sup>5</sup>; que atualmente está abrilhantando a Exposição da Academia das Belas-Artes do Rio de Janeiro.

São três caçadores caipiras na espreita, dentro do mato: um deles, em segundo plano, atrás de uma árvore, apenas deixa ver a cabeça; os outros dois estão no primeiro plano, magníficos de verdade, cheios de vida e com o semblante astucioso de quem negaceia - o mais moço, de chapéu na cabeça e meio ajoelhado, está prestes a fazer fogo sobre a primeira vítima que lhe aparecer, o velho com sua camisa aberta, deixando ver o inseparável bentinho, é a figura que me agradou mais.

Notei, entretanto, que a espingarda deste último tem uma coronha um tanto fora das proporções convenientes, e sabendo que foi fielmente copiada do natural, devo concluir que o veterano caçador já fizera reformar a sua arma, tendo sido encarregado do respectivo trabalho algum curioso.

Encontrando o esboço do retrato do ilustre finado Dr. Tibiriçá,<sup>6</sup> submeti ao autor algumas observações sobre o seu quadro exposto na entrada do ateliê fotográfico dos Srs. I. Vollsack & Cia, e representando o desembargador Aureliano de Sousa e Oliveira Coutinho.<sup>7</sup>

Tendo o artista de ir examinar o adiantamento da casa que mandou construir na rua de Glória,<sup>8</sup> com salas especialmente dispostas para as exigências da arte, despedi-me dele”.

---

(5) **Caipiras negaceando**, óleo sobre tela 2,81 x 2,15, 1988, original no Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro. Existe reprodução na Pinacoteca do Estado. O quadro foi premiado com medalha de ouro na Exposição Internacional de Chicago, em 1988.

(6) Não aparece entre as obras de Almeida Júnior que permaneceram. Trata-se, provavelmente, de João Tibiriçá Piratininga, ilustre prócer republicano, falecido em Paris em 1988 e sepultado em Itu. Calcula-se entre 250 a 300 o número de telas do pintor, a maioria de retratos.

(7) Visconde de Sepetiva (1800-1855), foi presidente das províncias de São Paulo e do Rio de Janeiro e Ministro do Império.

(8) Nas proximidades do antigo Largo São Paulo, depois Praça Almeida Júnior, desaparecida com a construção da Radial Leste.